

REENCANTAR A DOCÊNCIA NAS VEREDAS DA FILOSOFIA

RE-ENCHANTING TEACHING ON THE PATHS OF PHILOSOPHY

Alan Ricardo de Souza Araújo¹, Adriana Akemi Hiraki Arai², Ana Paula Souza de Oliveira Silva²

¹ Professor Doutor, Cuso de Licenciatura em Pedagogia, FUNVIC – Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba-SP

² Licenciatura em Pedagogia, FUNVIC – Faculdade de Pindamonhangaba, Pindamonhangaba-SP

*Correspondência: analuisatc@gmail.com

RECEBIMENTO: 10/07/17 - ACEITE: 15/08/17

Resumo

A prática docente é um espaço privilegiado que tem sido esquecida por uma sociedade cada vez mais autocentrada. Apesar de este assunto ganhar terreno na esfera educacional, ainda cabem novas incursões que visem discutir, aprofundar e apontar soluções práticas. A discussão proposta aqui começa com a reflexão sobre as razões que desencantaram o mundo e a educação. Com isso, tenta encontrar possíveis caminhos para promover o reencantamento pedagógico. Esta empreitada começa com a discussão sobre as razões que produziram o secularismo e o desencantamento do mundo e da docência. Os primeiros indicadores desse desencantamento surgem por volta do século XVI, na expansão do Iluminismo. As implicações da perda do encanto pela docência é a principal ocupação desta reflexão sobre este tema de relevância pedagógica. A práxis pedagógica imbuída de esperança e determinação é fundamental para o bom desempenho do profissional docente. O ser humano fragmentado perde força, fragiliza-se. O encantamento das ações docentes passa pela inteireza humana. O capitalismo como centro é umas das principais causas de tal desencantamento. O retorno ao sagrado e o reencontro com as questões filosóficas estão entre as ações prováveis como caminhos para se reencantar a educação no docente. Enfim, o reencantamento da prática pedagógica compreende a alegria, o prazer, o diálogo, a autonomia, o autoconhecimento, a habilidade de escutar e, finalmente, estar atento à fala do outro. Esta pesquisa foi exclusivamente bibliográfica, baseada em referenciais teóricos reconhecidos no campo educacional.

Palavras-chave: Desencantamento docente. Reencantamento docente. Educação. Docência

Abstract

The teaching activity is a privileged space which has been forgotten by an increasingly self-centered society. Despite the amplitude of the discussion on this subject by several experts, there is still room left for discussions, implications and practical solutions to be discussed and initiated in this field. It is mandatory reflecting on the reasons for the disenchantment of the world and education, seeking for possible ways to promote the pedagogic re-enchantment. This article aims to create a clear comprehension about the disenchantment of the world and teaching, initiated around the sixteenth century, through the expansion of the Enlightenment. Discovering the implications of the disenchantment for the educational field and possible choices for the re-enchantment of the educator (by the pedagogic reflection perspective) is the path taken by this article. This reflection, therefore, should be constant in the teaching activity. The teaching re-enchantment is, thus, the core of this paper portraying the human being splintering, the capitalist (and others) enchantment as some of the possible causes for the disenchantment; the return to the sacred, and the reunion with philosophical matters as possible solutions to re-enchant the education for the educator. Using theoretical references and bibliographic researches it is concluded that the re-enchantment of the teaching activity includes the happiness, the joy, the dialogue, the autonomy, the self-knowledge, the ability to listen and, finally, being aware of one another's speech.

Keywords: Disenchantment. Re-enchantment. Education. Teaching.

INTRODUÇÃO

Este artigo visa encontrar possíveis respostas para se resgatar o reencantamento da docência em sala de aula e reviver a alegria de ensinar.

A importância de se trazer à tona os vários motivos que levaram ao desencantamento no labor educativo, especialmente nas salas de aula, e possíveis medidas para o resgate da alegria de ensinar, é a principal motivação desta trajetória reflexiva. É fato que alguns autores já têm alertado para o tema, mas há ainda um longo caminho a ser percorrido.

A prática docente é uma realização privilegiada que tem sido esquecida por uma sociedade cada vez mais centrada em si mesma. A meditação sobre o assunto suscitou alguns problemas, entre eles: quais as razões que levaram ao desencantamento do mundo e da docência?; por que este desencantamento afeta profundamente o educador?; e, ainda, o que fazer para promover o reencantamento do mundo, da educação e da docência?

Um dos maiores desafios consiste em resgatar no docente a chama do primeiro amor pela educação. Optou-se por uma trilha de raciocínios que nos leva a discutir primeiramente as causas do desencantamento profissional, as causas históricas e seus correspondentes filosóficos. Posteriormente, os meios de despertar no docente a paixão pela arte de ensinar. O palco de realizações docentes nem sempre é auspicioso, mas geralmente desafiante, fecundo de ricas possibilidades de criação, de múltiplas cores, sons, beleza e carente de novos olhares. Tudo isso para além de um cotidiano de negação, cinzento e de estranhamentos. De qualquer modo, não tenta introduzir respostas rebuscadas ao problema levantado, mas apresenta repostas significativas resultantes de uma reflexão cuidadosa. São ideias que visam focar os problemas vivenciados pelo docente nas suas experiências diárias e despertar nele o interesse pela profissão

Os objetivos aqui consistem em refletir sobre as razões que desencantaram o mundo e a educação, entender os efeitos do desencantamento na vida, no educador e na educação e sugerir possíveis caminhos para reencantar a vida em uma esfera de ação educativa brasileira.

MÉTODO

Esta pesquisa foi elaborada a partir de elementos bibliográficos como livros, artigos científicos, monografias e dissertações disponíveis em acervos digitais pertinentes ao tema.

Inicialmente, falaremos sobre as possíveis razões para o desencantamento do mundo, da vida e consequentemente da educação; em segundo lugar, levantaremos alguns dos motivos para este desencantamento; finalmente, buscaremos prováveis respostas ou caminhos para promover o reencantamento docente.

RESULTADO

O desencantamento do mundo e da docência

Para reencantar a docência é preciso primeiro entender como iniciou o processo de desencantamento no ser humano. De acordo com Mello e Donato (2011), por volta do século XVI ocorreram mudanças na funcionalidade da ciência e sobre o lugar do indivíduo no mundo. Entre os principais fatores para essas mudanças, está a ascensão do pensamento filosófico e científico. Entretanto, isso só foi possível mediante a expansão do Iluminismo, tendo como marco histórico a Revolução Francesa. Esses tempos idos produziram paradigmas que culminaram com a decadência do pensamento clerical, o racionalismo como propulsor do saber e o indivíduo recolocado como centro do conhecimento universal.

Esses paradigmas foram consolidados primeiramente no saber eclesiástico, com a ideia da providência divina e em segundo momento, no saber científico, pela Revolução Francesa. A mudança trazida por essa Revolução introduziu a valorização das potencialidades humanas e a condução do conhecimento tecnológico.

O processo da transformação social e a técnica levaram à dissolução de mitos e à substituição da imaginação pelo saber racional e científico, que se sobrepuseram ao conhecimento religioso e ao senso comum. A ciência atingiu, mas sem deixar de manipular equivocadamente, áreas profundas da existência humana, que culminou com a perda dos valores eclesiásticos predominantes no pensamento pré-liberal.

Enquanto o pensamento clerical visava manter o *status quo* da Igreja sobre a sociedade, baseada no medo como forma de dominar o imaginário, afirmando a brevidade do fim dos tempos, os filósofos representantes do Iluminismo com o pensamento liberal, em outra perspectiva, romperam com essa forma de

pensamento pré-Revolução Francesa dominante, colocando o homem no centro do universo, tirando a concepção da providência divina dos acontecimentos históricos.

Assim, a Igreja gradativamente foi perdendo espaço na sociedade como fonte do saber, ficando com a incumbência de transmitir a fé. Neste novo modelo de pensamento, a ciência se destacaria como detentora e promotora da construção dos saberes. O pensamento geométrico da ciência levaria à perda paulatina do encantamento do universo. O paradigma moderno foi fundamentado em uma espécie de obsessão pela Ciência. Esse paradigma estruturou o pensamento intelectual, social e educacional durante sete ou oito décadas do século XX.

Presenciamos o fim das certezas, o declínio das verdades, a crise da racionalidade científica e o fracasso das grandes ideologias. Isso revela que nossas vidas se baseiam em aparências, em espetáculos e até mesmo, em simulacros. (WONSOVICS, 2003, p. 106).

Surge outro modelo de pensamento. Para Doll Junior (1997), os novos caminhos fatalmente levariam a desumanização do homem. A onda de futuro culminaria na criação das máquinas de ensinar, engendrariam uma época de aprendizagem programada e de um currículo à prova de professor. Tudo isso com o propósito de salvar a sociedade submersa na ignorância. Seria o caminho para a salvação social. O resultado de tudo isso, no entanto, foi o início de um desencantamento que perdura até os dias de hoje. O ser humano que antes esteve em busca do mistério, do transcendente, do sagrado, agora dá lugar à razão até as suas últimas consequências. Da sociedade centrada no sagrado, o depõe do seu trono e coloca nele o próprio homem. Enfim uma sociedade antropocêntrica que avançou quanto ao conhecimento geométrico e, em nome de sua exatidão, empurra para a periferia a *finesse*.

Com a perda da *finesse*, perde-se muito da agudeza do espírito, a sua sutileza, da poesia, da finura e sagacidade de uma cultura do mistério. Agora se comemora muito do homem *geômetra* e, por outro lado, perde-se com a dessacralização e a despoetização do mundo, como se esses dois polos fossem naturalmente excludentes. As perdas causadas por esse modelo trouxeram consequências inequívocas. O vácuo causado reverbera também na educação e, fatidicamente, sobre a formação de qualquer cidadão. A docência, ao longo do tempo, retrata essas perdas. Entre os seus principais sintomas, está o desencantamento pela vida e pela profissão. Não se pode substituir a integridade humana, incluindo a educação do espírito, por qualquer outro tipo de cultura sem impingir nele grande mutilação.

Os efeitos do desencantamento para a Educação

Esse desencantamento tem afetado profundamente o educador e a educação. O mundo atual revela através da atitude da maioria dos estudantes, que encantados pelos anseios de consumo produzidos pela mídia, não procuram mais um sentido para a vida em si, mas buscam realizar-se através da aquisição de bens ou da manutenção de uma aparência estética. Os meios de comunicação de massa, por meio das redes sociais, *sites*, *blogs* entre outros, têm um papel preponderante sobre o consumo de culturas com ingredientes que agravam o quadro de adoecimento do humano.

Grande parte ou mesmo a totalidade dos estudantes deste tempo apelidado de pós-moderno, tem muitas dificuldades de compreender as mudanças vertiginosas deste tempo. Somam-se a essas dificuldades, o desalento e a desesperança por mudança para um mundo melhor. O que dizer quando perspectivamos uma sociedade que se importa muito mais com os bens de consumo que com a integridade humana? É possível inferir que muitos vivem sob o efeito de um tipo de “hipnose” produzida pelos meios de comunicação, que não mais oferecem produtos e sim satisfação, emoção e prazer (SUNG, 2012). Nossas escolas ensinam sem considerar as múltiplas dimensões humanas. É impossível ensinar um jovem numa linha exclusivamente conteudista e fragmentária, que prioriza prepará-lo para vestibulares e ENEMs (SANTO, 2001). Esses jovens não passam de consumidores de conhecimentos que enchem a cabeça, mas não se preparam para a vida. Aqueles que ingressam nas faculdades ocupam-nas com o objetivo de obter graduação para então realizarem os mais arraigados desejos de consumo, impostos subliminarmente ou não pela mídia, pela família ou através da própria escola. Os sonhos para médio e longo prazos dão lugar aos imediatos e contingenciais, muitas vezes gerando um vácuo de sentido.

Sung (2012, p. 101) diz que “o desencanto se expressa na perda do sentido próprio do processo educacional, que vai sendo reduzido cada vez mais ao critério econômico-financeiro”. Gentili e Alencar (2001, p. 37) acrescentam que o fato de muitos terem “[...] acesso à escola não significa que todos tenham acesso ao mesmo tipo de escolarização.” O processo educativo hoje, em qualquer grau ou instância requer a recuperação da sensibilidade perdida como tarefa inadiável (SANTO, 2001). Nesse sentido, o desencantamento educacional afeta o docente de maneira singular,

[quando] a organização do trabalho docente e a qualidade das relações estabelecidas dentro do grupo (incluindo-se aí o resultado obtido como trabalho em sala de aula) não correspondem aos valores e às expectativas do professor, este se vê diante da dificuldade de estabelecer ou manter a totalidade de vínculos necessários ao desempenho de suas atividades no magistério. Assim, pode-se dizer que o abandono é consequência da ausência parcial ou do relaxamento dos vínculos, quando o confronto da realidade vivida com a realidade idealizada não condiz com as expectativas do professor, quando as diferenças entre essas duas realidades não são passíveis de serem conciliadas, impedindo as adaptações necessárias e provocando frustrações e desencantos que levam à rejeição da instituição e/ou da profissão. (LAPO; BUENO, 2003, p. 75).

Portanto, tal desencantamento tem seus efeitos nocivos graves para todos que fazem parte do sistema educacional. O aluno perde o sentido da vida e da educação e o docente, vendo-se envolto numa atmosfera de desânimo e perda da esperança, acaba por desistir da profissão, desencantando-se até mesmo com a vida.

O encantamento capitalista

O desencanto da vida e o fascínio capitalista continuam a refletir no campo educacional, de acordo com Gentili e Alencar (2001, p. 17). “[...] o campo educacional, como não poderia deixar de ser, sofre também a invasão do desencanto. De uma forma ou de outra, todos parecem concordar que as coisas, dentro da escola, não vão bem”. Cada vez mais a educação é direcionada para o pensamento econômico ou financeiro. Os jovens que querem formar-se, o fazem em prol de uma vida econômica que satisfaça seus desejos de consumo e os posicionem em um confortável *status* social. Isso ocorre devido aos ensinamentos que são estabelecidos dentro das salas de aula, tanto em escolas particulares, quanto em escolas públicas e das práticas comerciais a que alguns estabelecimentos de ensino se prestam visando dispor um número maior de “clientes”. Sendo assim, como clientes, pais e alunos estariam sempre com a razão sujeita às opiniões dos docentes (SUNG, 2012). Isso porque “a escola desenvolve a educação formal devido à exigência da criação de um grupo preparado para exercer determinadas funções” (SANTIAGO, 2003, p. 80). A escola nem sempre existiu, e sua importância variou na história de acordo com as necessidades socioeconômicas da sociedade da qual fazia parte.

A escola perde então o sentido de educar para a vida na própria vida. A cultura consumista dita as práticas e dela dificilmente se escapa desse enredamento, incluindo a escola. Esta passa então a tentar satisfazer, pelo tratamento que se dá ao currículo, os anseios dos pais em tornar seus filhos profissionais de sucesso estabelecidos no mercado de trabalho, aptos a realizar os anseios de consumo que um dia farão parte de suas vidas. Enquanto os professores, peças-chave e elo importante da cadeia educativa passam a agir de maneira a atender os anseios deste ciclo vicioso, que nutre o consumismo, os estudantes submetem-se a esse regime.

Este ciclo precisa ser rompido. No entanto, para que aconteça alguma mudança nos modelos vigentes de educação, é necessário um despertar profundo dos sentimentos de esperança e desejo de mudança que estão adormecidos, para que estes afluam, quebrando barreiras impostas por anos de comodismo e frustrações.

O necessário reencantamento da educação

O termo “reencantamento” tem sido proposto por alguns autores em Educação (ASSMANN, 2007; MORAES; TORRE, 2004; SUNG, 2012) como forma de expressar que durante a caminhada houve algo como descaminho, desencanto, decepção e tristeza. Perdeu-se algo que necessita ser encontrado e resgatado. Esta tendência surge de um movimento anterior e mais amplo em que se buscava o reencantamento da própria natureza e do mundo.

Em consonância com este pensamento, Assmann (2007, p. 19) ressalta que é preciso não apenas um novo modelo de educação, mas também de sociedade, uma sociedade aprendente que deve estar em processo de aprendizagem constante “[...] e transformar-se numa imensa rede de ecologias cognitivas”.

Os docentes não devem esperar que as mudanças partam de instâncias superiores. É preciso buscar soluções ao alcance de suas mãos, que mesmo pequenas, serão o início de uma transição em escala maior rumo ao ideal de educação integral do ser humano. Educação enraizada em princípios éticos e que caminha para a construção de uma sociedade mais solidária. De acordo com Gadotti (2003, p. 55), “O novo

profissional da educação é também um profissional que domina a arte de reencantar, de despertar nas pessoas a capacidade de engajar-se e mudar”.

Para que este novo paradigma se consolide, os professores precisam abandonar a mediocridade pedagógica e a inocência política, esforçando-se para reencantar o ato educativo, desafiando a essência pedagógica da qualidade de ensino (ASSMANN, 2007). Neste sentido, chamamos a atenção sobre o fato de vivermos ou estarmos em transição para a chamada “sociedade do conhecimento” (SUNG, 2012, p. 123), a educação está colocada no cerne de questões levantadas, tanto por teóricos liberais quanto por aqueles tidos como críticos. Os primeiros veem a educação como chave para a geração de mais riquezas, enquanto os últimos propõem uma educação de qualidade, um empenho para superar as desigualdades e a exclusão social daqueles que se encontram marginalizados nos países em desenvolvimento.

Quando nos referimos ao reencantamento da educação, isso implica em confrontar o comodismo instalado, causando certo desconforto. Porém, esse desconforto pode ser a abertura de novos horizontes para o início de uma tímida mudança, uma reconstrução e inovação. Para isso, é necessário que haja ousadia por parte do docente e certa dose de inconformismo diante da realidade para que as mudanças ocorram de fato. O reencantamento da educação e da vida passa necessariamente pela renovação consistente de mente dos educadores.

A razão vital deve ter primazia sobre a razão instrumental. Este modelo de raciocínio já fez história e foi prevalecente nos últimos séculos. Marcou a nossa cultura pela coisificação do homem e da natureza no enalço de resultados que satisfizessem os interesses humanos e em nome do progresso. Um mundo no qual prevalecem os números e as coisas logo mostrou suas consequências desastrosas. Para cada progresso um regresso – os efeitos danosos para o ser humano e para a natureza. A razão instrumental, aquela que coisifica o homem e a natureza, domina de modo significativo o pensar e o agir da humanidade até hoje, tornando as coisas e os objetos parte da essência humana: o ter em detrimento do ser. Já a razão vital é aquela que valoriza a vida, sua complexidade caracterizando um constante fazimento. Uma educação que prima pela razão vital busca redescobrir o valor do ser humano e a teia complexa de relações do mesmo com a própria natureza e a sociedade.

Tendo isso em conta, “queremos que os professores sejam seres pensantes, intelectuais, capazes de gerir a sua ação profissional” (ALARCÃO, 2005, p. 46) e, dessa forma, encontrar a ousadia necessária para abrir mão de antigas concepções, mudarem o pensamento de que foi sempre assim e não adianta lutar contra o sistema. É preciso sonhar, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas diariamente por docentes brasileiros. Entre tais dificuldades estão a falta de infraestrutura, os subsalários, a insegurança e outros, “o fato é que, a despeito de todas as coisas ruins, há professores que amam os seus alunos e sentem prazer em ensinar”. (ALVES, 2002, p.77). É preciso começar a ver a educação por outro ponto de vista:

[...] A luta pela revalorização e redignificação salarial e profissional dos docentes, adquiriu tal prioridade que muitos já nem se lembram de ancorá-la também no reencantamento do cerne pedagógico da experiência educacional. [...] Está na hora de fazermos, sem ingenuidades políticas, um esforço para reencantar de veras a educação, porque nisto está em jogo a autovalorização pessoal do professorado, a autoestima de cada pessoa envolvida, além do fato de que, sem encarar o cerne pedagógico da qualidade de ensino, podemos estar sendo coniventes no crime de um *apartheid* neuronal[...]. (ASSMANN, 2007, p. 23).

As necessidades educacionais do ponto de vista econômico e financeiro são de fato gritantes em nosso país e dignas de receberem atenção, tanto dos representantes políticos quanto dos profissionais da educação e da sociedade como um todo. Além da luta pela revalorização profissional do educador é preciso um retorno ao fascínio do ato pedagógico em si, da ação de auxiliar os alunos na construção de seus conhecimentos em prol de auxiliá-los na concepção integral de si mesmos como cidadãos e agentes de transformação de suas próprias vidas e do mundo à sua volta. Se assim não for feito, os educadores poderão estar incorrendo em uma marginalização de seus alunos.

Uma educação apaixonante, no sentido filosófico e prático, é relevante para o ensino-aprendizagem eficaz, pois “o olhar, muitas vezes, dispensa palavras explicativas. É a expressão da alma” (SCHETTINI FILHO, 2011, p. 30). O olhar, o estar presente por inteiro em sala de aula, o amor demonstrado nas atitudes e no ouvir com o coração fazem enorme diferença. Neste sentido, “a educação se confronta com a tarefa apaixonante de formar seres humanos para os quais a criatividade e a ternura sejam necessidades vivenciais e elementos que definam sonhos de felicidade individual e social” (ASSMANN, 2007, p. 29). Ao docente cabe esse constante desafio de reencantar-se para então reencantar seus alunos e a própria educação.

Quando um sonho puder ser sonhado por muitos, deixará de ser um sonho e se tornará realidade. Infelizmente, prevalece ainda o grande mal em que muitos professores e escolas estão vivendo sem sentido no que estão fazendo, sem perceberem que o ato educativo está ligado ao viver com sentido e que não se pode educar sem um sonho. “Educar é empoderar, é reencantar, despertar a capacidade de sonhar, despertar a crença de que é possível mudar o mundo” (GADOTTI, 2003, p. 74). Desse modo, é urgente e necessário ousar sonhar e realizar mudanças nas veredas da educação. Com esse propósito, é preciso identificar caminhos para esse reencantamento, é o que veremos a seguir.

Possíveis caminhos para o reencantamento da Educação

Para reencantar a docência nas veredas da Filosofia, como propõe o tema do trabalho, apresentam-se alguns caminhos pelos quais o professor poderá caminhar: a necessidade do retorno ao Sagrado e o retorno das práticas filosóficas em sala de aula.

Severino (2003) revela que o investimento pedagógico-educacional deve ser o de esclarecer as pessoas para que possam transitar, durante toda a sua vida, em busca dos valores positivos de modo a respeitar o valor central: a dignidade da pessoa humana, indivíduo ou comunidade. É importante que o professor possa fundar suas opções em valores positivos para decidir e apoiar suas decisões nesses valores.

Quando o docente se defronta com as frequentes dificuldades do sistema de ensino e até mesmo com as problemáticas cotidianas da sala de aula, muitas vezes vê-se em situações que para ele não haveriam soluções concretas e imediatas. Diante destes fatos, a fé em sua própria formação, no sistema de ensino e até mesmo a esperança de dias melhores parecem esmorecer, desmoronar diante de seus olhos.

Exemplificam-se situações corriqueiras que aos olhos de outros profissionais não haveria solução: a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) sem a devida infraestrutura ou preparo técnico pedagógico; a falta de materiais fundamentais à execução de boas aulas; a burocracia excessiva do sistema escolar como um todo, etc. Não bastassem esses e outros muitos episódios, a profissão do Pedagogo no Brasil é desvalorizada tanto social, quanto economicamente.

Tais fatores estão levando alguns dos profissionais da área da educação ao esgotamento e por fim à desistência da carreira educacional, ao desencantamento com a profissão, que outrora era digna de reconhecimento, se não financeiro, ao menos simbólico.

Este desencantamento reflete não apenas no docente ou no sistema no qual atua, mas também nos alunos atingindo a vida como um todo. O professor que não está satisfeito com sua carreira, passa a atender mal aos alunos, que não serão educados adequadamente e consequentemente não poderão obter os valores necessários à construção da cidadania e de uma sociedade mais justa e solidária.

Muitas vezes, a sociedade se vê perplexa diante de tantas atrocidades e desigualdades que vêm ocorrendo no Brasil. A situação política, econômica e social do país vive uma crise sem precedentes na história, mas a solução parece estar debaixo dos olhos desta mesma sociedade. Gentili e Alencar (2003) alertam para o fato da piora progressiva das condições de trabalho docente estar levando ao surgimento de uma síndrome conhecida como *burnout*, ou seja, a síndrome da desistência. O sentido do trabalho educacional vai se perdendo, o desencanto vai se apoderando e levando a pensar que qualquer esforço para mudar será inútil.

O *burnout* é ‘uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com os outros seres humanos, particularmente quando estes estão ocupados ou com problemas. O docente se imiscui afetivamente com seus alunos, se desgasta e, em um extremo, desiste não aguenta mais, entra em *burnout*.’ (CODO, 1998, p. 238 apud GENTILLI; ALENCAR, 2003, p. 19).

A síndrome da desistência resume, de forma perversa, no desencantamento escolar. Se as atitudes do professor em sala de aula refletem dali para o mundo, então ali mesmo, poderiam estar as respostas para os questionamentos sobre o que está acontecendo com os valores, com a perda do sentido da própria dignidade humana. Ao professor cabe resgatar esta esperança, devolver o sentido aos ensinamentos, sem esquecer as razões que muitas vezes o desanima, mas devolvendo às ações em sala de aula a esperança, a positividade, o amor ao lecionar e saber que em suas mãos pode estar a chave para a redescoberta de um caminho ou mudanças significativas que levem seus alunos, a geração que fará a sociedade vindoura, se locomoverem para um futuro digno, justo e de solidariedade. “A ideia de que as coisas poderão sofrer uma mudança qualquer, visando a maior igualdade entre os homens, nunca está destituída de sentido”, afirma Santiago (2003, p. 79).

Necessidade do retorno ao sagrado

Devido à fragmentação dos saberes ocorrida no Ocidente em decorrência das ideias dos pensadores iluministas houve também um afastamento das questões religiosas ou espirituais. A preocupação passara à educação conteudista, especializada e coisificante deixando-se de lado a importância da educação da alma. Entretanto, de acordo com Santo (2001, p. 17) “a inserção da espiritualidade no contexto educacional é essencial”. Faz-se necessária então a desfragmentação de tais saberes e um retorno ao sagrado, pois uma educação que se projete sendo integral precisa necessariamente perpassar todas as dimensões humanas e isto inclui a dimensão espiritual.

Severino (2003) afirma que “Antropologicamente falando, constata-se que a religiosidade é uma dimensão fundamental da existência dos homens”. Não que este ensinamento venha a substituir a reflexão filosófica, pois a dignidade humana implica no exercício da liberdade que cada pessoa possui de poder escolher sua religião, reitera o autor.

Esta pedagogia com o olhar voltado para a espiritualidade não deve limitar-se à mera teoria, mas oferecer uma prática coesa com tal visão abrindo caminho para experiências inovadoras no campo educacional. Tais mudanças devem partir do educador, que não ficará esperando apenas por ações do poder público ou de novos currículos, mas iniciará as ações que levarão à modificação de alguns paradigmas e porque não dizer até mesmo da inserção de novos modelos para uma educação devotada à plenitude da formação humana. (SANTO, 2001).

Dessa forma, de acordo com Morais (1997, p. 48) “a retomada do sagrado é a recuperação da essencialidade humana e revivescência das esperanças e utopias que podem mover a humanidade na direção de sua melhoria.”.

É possível investir na identidade espiritual de cada indivíduo, respeitando suas particularidades. Santo (2001) ressalta que o renascimento do sagrado se trata de uma visão unificada da vida que oportunize os alunos a perceberem o sentido e o significado de suas próprias existências englobando conhecimentos científicos ou espirituais.

A Filosofia como vereda - O retorno às práticas filosóficas

Para reencantar a docência nas veredas da Filosofia, como propõe o tema do trabalho, precisaremos conhecer o caminho pelo qual o professor poderá caminhar. A filosofia tem em si o poder de criar espaço-tempo reflexivos. Esta, sem dúvida é outra caminhada a ser feita pelos professores.

De acordo com Santo (2001), com a abolição da Filosofia dos currículos, as religiões perderam o espírito, resultando no materialismo contemporâneo e todo tipo de violência. Os estudantes não sabem que são seres humanos porque isso implica na recuperação do sagrado e do sentido da vida. A Filosofia é uma disciplina edificadora que auxilia nos problemas práticos, situacionais a quem se dedica a ela (DOLL JUNIOR, 1997). Assim, o exercício da Filosofia como ferramenta de reflexão pode auxiliar o professor a obter modos mais versáteis de lidar com as mais complexas situações que ocorrem no dia a dia da sala de aula, dificuldades relacionais e das intempéries burocráticas comuns ao sistema educacional brasileiro que, às vezes, servem de razão ao desencantamento com a profissão, a educação e os próprios alunos.

Filosofia é uma palavra grega composta de duas outras: *philo*, que significa “aquele que tem um sentimento amigável”, pois deriva de *philia*, que significa “amizade e amor fraterno” e *sophia*, que quer dizer sabedoria. Portanto, Filosofia significa “amizade pela sabedoria” ou “amor e respeito pelo saber”, e é uma atitude que pergunta sobre a essência (o que é?), a significação (como é?), a origem (por que é?) e a finalidade (para que é?) de todas as coisas, dirigindo-se ao pensamento, à linguagem e à ação dos seres humanos (CHAUI, 2005). O matemático Pitágoras (séc. VI a. C.) usou pela primeira vez a palavra *filosofia* significando “amor à sabedoria”, observando que a filosofia não é puro *logos*, pura razão. Ela é a procura amorosa da verdade (ARANHA; MARTINS, 1994).

A partir do momento em que o docente compreender e resgatar o profundo significado da palavra e tudo o que ela carrega consigo, poderá então despertar no aluno, por meio de perguntas e problemas vivenciados diariamente, o interesse pela Filosofia. Quando isso ocorre, constata que as questões filosóficas não são tão estranhas nem estão distantes do cotidiano, adquire uma visão de conjunto do objeto que observa e relaciona cada aspecto com os outros do contexto em que está inserido. Dessa forma, a Filosofia supera a fragmentação do real. Quando ocorre assim, o ser humano é recomposto na sua inteireza e resiste à alienação do saber parcelado. Em sendo assim,

[...] a Filosofia é então, elemento básico de construção de sentido, de articulação cultural do saber. Ora, com tais características, a sua falta na formação dos professores (ainda que não sejam docentes de filosofia) dificilmente permitirá a emergência de profissionais de rica e lúcida visão (MORAIS, 2003, p. 30).

Ao caminhar, o professor conseguirá informar, provocar o raciocínio, a reflexão e a crítica, cultivar o interesse pela cultura e o prazer da interrogação, podendo então estabelecer o elo entre as muitas formas do saber e do agir (ARANHA; MARTINS, 1994). Nessa vereda, o docente perceberá que a filosofia impede a estagnação e possibilita inúmeras descobertas ao reaprender a ver o que se passa ao redor e no mundo.

[...] um caminho nada fácil e que exige boa vontade e ausência de preconceitos; quisera que caminhássemos lado a lado e fôssemos companheiros (do latim: *cum pane* os que comem do mesmo pão), estando ou não de acordo. Não temos mais tempo para disputas inúteis resultantes de combates entre posições preconceituosas; de que se precisa agora é não cerrar os olhos ante as muitas possibilidades que este tempo nos apresenta, mantendo abertura para apreciação serena do que seja proposto. (MORAIS, 1997, p. 99).

Ou seja, os professores devem ser ousados e nadar contra a correnteza. Infelizmente, todos nós ainda estamos vivendo estruturas e conjunturas profundamente marcadas pelo imediatismo, consumismo, alienação e alheamento ideológico, que fragilizam a nós todos. Tudo isso nos empurra para bem longe de uma vivência apaixonada pela vida e pelo mundo. Perdemos o encantamento pelas pequenas coisas e pela educação. Isso é trágico e precisa mudar. Nesse caso, a Filosofia vem ao nosso encontro e nos auxilia.

A Reflexão filosófica sobre o atual estado de coisas e acontecimentos, certamente é uma forte iniciativa que, quando bem orientada, pode nos levar à ruptura com o atual estado de coisas. É bom que se entenda, no entanto, que a Filosofia exige coragem. “Filosofar não é um exercício puramente intelectual. Descobrir a verdade é ter a coragem de enfrentar as formas estagnadas do poder que tentam manter o *status quo*, é aceitar o desafio da mudança. Saber para transformar.” (ARANHA; MARTINS, 1994, p. 76).

Quando assumimos a atitude de usar na sala de aula os recursos da Filosofia, nos valendo da sua terra fecunda e nela plantando iniciativas de mudanças e de novos horizontes, muita coisa boa poderá acontecer. Assim, o professor poderá então começar a romper o ciclo vicioso do ensino continuísta, que visa preparar o aluno apenas para os vestibulares, ENEMs etc. e começará a trabalhar a vida da vida na sala de aula. Deixará de tratar o estudante como se estivesse tratando com meros clientes e passará a envolver a si e também o estudante no processo educacional mais pulsante, vivo e encantador. Uma escola que encanta torna as pessoas mais vibrantes, engajadas, protagonistas do saber e do fazer. Com isso, promove-se uma ambiência escolar encharcada de novidades e preparada para as eventualidades e surpresas do dia a dia e da vida. Enfim, teremos uma escola de gente apaixonada em saber e fazer, de gente alegre, ainda que em meio às dificuldades naturais. Quando se tem na escola uma atmosfera sem mofo, cheia de vida, de alegria, onde gosta-se de ensinar e aprender, fica muito mais fácil exercer a docência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desdobramento dos assuntos abordados, enfatizamos a urgência do retorno ao sagrado como possível caminho para se alcançar a recomposição do rosto inteiro do ser humano, vitimado na fragmentação do conhecimento. O que se quer é resgatar a essencialidade na existência humana, a identidade espiritual, por vezes esquecida na atualidade. Para isso, propomos a religação dos conhecimentos científicos que compreenda a complexidade humana. Entendendo que nesta complexidade, o cultivo da espiritualidade humana é condição básica para sua inteireza.

Outro caminho proposto foi o da redescoberta dos princípios e reflexões filosóficas em sala de aula. A Filosofia é uma importante ferramenta no trabalho de conscientização sobre os efeitos danosos do materialismo vigente na sociedade contemporânea. É o resgate do bem pensar, do bem fazer, de refletir sobre as ações realizadas. Com o auxílio da Filosofia, o professor passa a provocar o raciocínio do aluno, o interesse pela cultura e o prazer pela interrogação sobre si mesmo, sobre a realidade circundante e sobre o mundo. Assim, o professor precisa ter a coragem de ir contra a correnteza da razão instrumental, que coisifica e fragmenta o homem aceitando o desafio de construir um novo ideal rumo à razão vital, que valoriza as coisas boas que fazem parte da essência humana: o amor, a espiritualidade, a esperança, a perseverança rumo a um mundo melhor. Quando o docente reencantar a si mesmo, surgirão novas possibilidades para o reencantamento de seus alunos e da sociedade a qual todos esperam.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ALVES, R. **Por uma educação romântica**. 8. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2. ed. rev. atual. São Paulo: Moderna, 1994.
- ASSMANN, H. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 13.ed. São Paulo: Ática, 2005.
- DOLL JUNIOR, W. E. **Currículo**: uma perspectiva pós-moderna. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2003.
- GENTILI, P.; ALENCAR, C. **Educar na esperança em tempos de desencanto**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2001.
- LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. 2003. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 1, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.
- MELLO, V. D. S. de; DONATO, M. R. A. O pensamento iluminista e o desencanto do mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. **Revista Crítica Histórica**, Maceió, v. 2, n. 4, p. 248-264, dez. 2011.
- MORAES, M. C.; TORRE, S. de La. **Sentipensar**: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- MORAIS, R. de. Filosofia e formação humana: a criança. In: EVANGELISTA, F.; GOMES, P. de T. (Org.). **Educação para o pensar**. Campinas, SP: Alínea, 2003. cap. 2, p. 25-34.
- _____. **Stress existencial e sentido da vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- SANTO, R. C. do E. **O renascimento do sagrado na educação**. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- SANTIAGO, G. L. Educação social e utopias na América Latina. In: EVANGELISTA, F.; GOMES, P. de T. (Org.). **Educação para o pensar**. Campinas, SP: Alínea, 2003. cap.7, p. 77-85.
- SEVERINO, A. J. A importância da filosofia na formação das crianças e adolescentes. In: EVANGELISTA, F.; GOMES, P. de T. (Org.). **Educação para o pensar**. Campinas, SP: Alínea, 2003. cap. 4, p. 43-50.
- SCHETTINI FILHO, L. **Pedagogia da Ternura**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- SUNG, J. M. **Educar para reencantar a vida**: pedagogia e espiritualidade. 3. ed. São Paulo, SP: Reflexão, 2012.
- WONSOVICS, S. Filosofia viva... encharcada na vida. In: EVANGELISTA, F.; GOMES, P. de T. (Org.). **Educação para o pensar**. Campinas, SP: Alínea, 2003. cap.10, p. 103-110.